

PENSAMENTOS E AFORISMOS

05.03.2023

Eu ouvi a voz das ondas e ela falou-me de muitas maravilhas. Ela falou-me da alegria da vida e dos êxtases do movimento. Ó Mar, numa canção sem fim e sempre renovada, tu me falaste de novo do poder do amor que faz verdadeiras todas as coisas. Contemplando o esplendor de tua ação invencível, percebi a onda irresistível que carrega o universo em direção à Realidade Suprema. A força que te ergue e transforma tua superfície em montanhas é como a força que soergue o mundo de sua inércia e desperta nele a aspiração pelo Divino.

A MÃE

A cada vez que um coração salta ao toque de Teu sopro divino um pouco mais de beleza parece ter nascido sobre a Terra, o ar se impregna de um doce perfume, tudo se torna mais amistoso.

Quão grande é Teu poder, ó Senhor de todas as existências, que um átomo de Tua Alegria é suficiente para apagar tantas obscuridades, tantos sofrimentos, e um simples raio de Tua glória pode acender a pedra mais inerte, iluminar a consciência mais escura.

Nesta horas abençoadas toda a Terra canta um hino de alegria, as ervas estremecem com prazer; o ar se faz vibrante de luz, as árvores erguem para sua prece mais ardente, o chilrear dos pássaros se faz um cântico, as ondas do mar se encapelam com amor, o sorriso das crianças fala do infinito e as almas dos homens aparecem em seus olhos.

A MÃE

Cada religião ajudou a humanidade. O paganismo aumentou no homem a luz da beleza, a amplitude e a altura de sua vida, sua aspiração a uma perfeição multilateral; a cristandade deu-lhe uma certa visão de amor e caridade divinos; o budismo mostrou-lhe um caminho nobre para ser mais sábio, mais condescendente, mais puro; o judaísmo e o islamismo, como ser religiosamente fiel na ação e zelosamente devotado a Deus; o hinduísmo abriu-lhe as mais amplas e as mais profundas possibilidades espirituais. Uma grande coisa seria feita, se

todas estas visões-de-Deus pudessem se abraçar e se lançar uma na outra; mas dogma intelectual e egoísmo-de culto obstam o caminho.

SRI AUROBINDO

Todas as religiões salvaram um certo número de almas, mas nenhuma, até agora, foi capaz de espiritualizar a humanidade. Para isso, não são necessários culto nem crença, mas um esforço prolongado e todo-compreensivo à autoevolução espiritual.

SRI AUROBINDO

Não sou um Bhakta, não sou um Jnani, não sou um trabalhador para o Senhor. Então o que sou eu? Uma ferramenta nas mãos de meu Mestre, uma flauta tocada pelo divino Pastorzinho, uma folha impulsionada pelo hálito do Senhor.

SRI AUROBINDO

Há uma espécie de Força dourada pressionando para baixo (gesto); ela não tem substancialidade material e, contudo, parece tremendamente pesada...

(...)

Ela pressiona para baixo, sobre a Matéria, para forçá-la, para obrigá-la a voltar-se INTERIORMENTE para o Divino – não um voo externo (apontando para cima), mas interiormente voltar-se para o Divino. E a consequência aparente parece ser a ocorrência de catástrofes inevitáveis. Contudo, junto a esta sensação de catástrofe inevitável, surgem soluções para situações ou acontecimentos que parecem simplesmente miraculosas.

Como se os dois extremos estivessem se tornando mais extremos: o bem tornando-se melhor e o mal pior. Assim. É um Poder estupendo PRESSIONANDO para baixo no mundo.

A MÃE

O CICLO HUMANO

SRI AUROBINDO

Cap. XVII – A Religião como a Lei da Vida (II)

Mas aqui aparece uma ambiguidade que introduz uma fonte mais funda de divergência. Pois por espiritualidade a religião frequentemente parece entender alguma coisa remota para a vida terrestre, diferente dela, hostil a ela. A religião parece condenar a busca de objetivos terrestres como uma tendência oposta ao voltar-se para uma vida espiritual e as esperanças do homem na Terra como uma ilusão ou uma inutilidade incompatível com a esperança do homem no céu. O espírito torna-se então algo à parte, que o homem só pode alcançar pela rejeição da vida de seus elementos inferiores. Ele deve ou abandonar esta vida inferior a partir de um certo ponto, quando ela já cumpriu seu propósito, ou deve persistentemente desencorajá-la, mortificá-la e matá-la. Se este é o verdadeiro sentido da religião, então obviamente a religião não tem nenhuma mensagem positiva para a sociedade humana no campo próprio do esforço, esperança e aspiração social, ou para o indivíduo em qualquer dos elementos inferiores de seu ser. Pois cada princípio de nossa natureza procura naturalmente a perfeição em sua própria esfera e, se é para ele obedecer a um poder mais alto, deve ser

porque este poder lhe dá uma perfeição maior e uma satisfação mais completa mesmo em seu próprio campo. Mas se a perfectibilidade lhe é negada e, portanto, a aspiração de perfeição é levada embora pela urgência espiritual, então ele deve ou perder a fé em si próprio e o poder de seguir a expansão natural de suas energias e atividades, ou rejeitar o chamado do espírito para seguir sua própria inclinação e lei, *dharma*. Esta desavença entre a terra e o céu, entre o espírito e seus elementos torna-se ainda mais esterilizante se a espiritualidade toma a forma de uma religião de dor e sofrimento e mortificação austera e o evangelho da inutilidade das coisas; em seu exagero ela conduz a pesadelos da alma tais como aquela terrível escuridão e desesperança da Idade Média em seus piores momentos, quando a única esperança da humanidade parecia estar no próximo e aguardado fim do mundo, um *Pralaya* [*dissolução, morte ou período de repouso ou reabsorção; o termo é especialmente aplicado à dissolução do universo no fim de um ciclo cósmico*] inevitável e desejável. Mas mesmo em formas menos pronunciadas e intolerantes desta atitude pessimista em relação ao mundo, ela se torna uma força para o desencorajamento da vida e não pode, portanto, ser uma lei e guia verdadeiros para a vida. Todo pessimismo é, nesta medida uma negação do Espírito, de sua inteireza e poder, uma impaciência para com os caminhos de Deus no mundo, uma fé insuficiente na Sabedoria e Vontade Divina que criou o mundo e o guia para sempre. O pessimismo admite uma noção errada

sobre esta Suprema Sabedoria e Poder e por isto não pode, ele próprio, ser a suprema sabedoria e poder do espírito em que o mundo possa procurar guiança e elevação de toda sua vida em direção ao Divino.

A aversão ocidental para com a religião, este menosprezo por sua exigência e insistência, pela qual a Europa progrediu da atitude religiosa medieval através da reforma até a atitude racionalista moderna, este fazer da vida terrestre ordinária nossa única preocupação, este esforçar-se para nos preenchermos através da lei dos elementos inferiores, divorciados de toda busca espiritual, foi um erro inverso, o extremo oposto ignorante, o cego balanço do pêndulo de uma afirmação errônea para uma negação errônea. Esta atitude é um erro porque a perfeição não pode ser encontrada numa limitação e restrição dessas; pois ela nega a lei inteira da existência humana, sua urgência mais funda, seu mais secreto impulso. Somente pela luz e poder do mais alto pode o mais baixo ser perfeitamente guiado, elevado e cumprido. A vida inferior do homem é não-divina na forma, embora esteja nela o segredo do divino, e ela só pode ser divinizada encontrando a lei mais alta e a iluminação espiritual. Por outro lado, a impaciência que condena ou desespera da vida, ou desencoraja seu crescimento porque ela é presentemente não-divina e não está em harmonia com a vida espiritual, é uma ignorância equivalente, *andham tamah*. O monge foragido do mundo, o mero asceta pode realmente encontrar, através desta mudança, sua

própria salvação individual e peculiar, a recompensa espiritual de sua renúncia e *Tapasya* [austeridade, energismo divino; esforço espiritual realizado através de concentração em uma disciplina ou processo espiritual], como o materialista pode encontrar, através de seu próprio método exclusivo, a compensação apropriada de sua energia e procura concentrada; mas nenhum dos dois pode ser o verdadeiro guia da humanidade e seu legislador. A atitude monástica implica um medo, uma versão, uma desconfiança para com a vida e suas aspirações, e não se pode guiar sabiamente aquilo com que não se tem nenhuma simpatia, aquilo que se deseja menosprezar e desencorajar. O puro espírito ascético, se dirigisse a vida e a sociedade humana, poderia apenas prepará-las para serem um meio de negarem a si próprias e fugirem de seus próprios motivos. Uma orientação ascética poderia tolerar as atividades inferiores, mas somente tendo em vista persuadi-las no final diminuir e finalmente cessar sua ação própria. Mas uma espiritualidade que se retira da vida para envolve-la sem ser por ela dominada não se efetua sob esta limitação. O homem espiritual que pode guiar a vida humana em direção à sua perfeição é tipificado na antiga ideia indiana do *Rishi*, alguém que viveu plenamente a vida do homem e encontrou a palavra da verdade supra-intelectual, supramental, espiritual. Ele elevou-se acima destas limitações mais baixas e pode ver todas as coisas de cima, mas ele também está em simpatia com seu espírito e pode vê-las de dentro; ele tem o completo

conhecimento interior e o mais alto conhecimento transcendente. Ele pode, portanto, guiar o mundo humanamente como Deus o guia divinamente, porque como o Divino ele está na vida do mundo e também acima dela.

É então na espiritualidade, compreendida neste sentido, que devemos procurar a luz dirigente e a lei harmonizadora, e na religião apenas na proporção em que ela se identifica com esta espiritualidade. Enquanto não corresponde a isto ela é uma atividade e poder humanos entre outros e, mesmo que seja considerada o mais importante e poderoso, ela não pode guiar totalmente os outros. Se ela procura sempre fixá-los dentro dos limites de um credo, uma lei imutável, um sistema particular, ela deve estar preparada para vê-los se revoltarem contra seu controle; pois embora eles possam aceitar esta requisição por algum tempo e se aproveitar imensamente dela, no final eles devem se movimentar pela lei de seu ser em direção a uma atividade mais livre e a um movimento sem entraves. A espiritualidade respeita a liberdade da alma humana, porque ela mesma encontra seu cumprimento na liberdade; e o significado mais profundo de liberdade é o poder de expandir e crescer em direção à perfeição pela lei de nossa própria natureza, *dharma*. Esta liberdade ela dará a todas as partes fundamentais de nosso ser. Ela dará à filosofia e à ciência aquela liberdade que a antiga religião indiana deu – liberdade até mesmo para negarem o espírito se quiserem – e

como resultado disto a filosofia e a ciência nunca sentiram na Índia antiga nenhuma necessidade de se divorciarem da religião, mas antes cresceram dentro dela e sob sua luz. Ela dará a mesma liberdade à busca do homem por perfeição política e social e a todos os seus outros poderes e aspirações. Ela estará apenas vigilante para iluminá-las de modo que possam crescer dentro da luz e da lei do espírito, não por supressão e restrição, mas por uma autoinvestigação, uma expansão autocontrolada e uma descoberta múltipla de suas maiores, mais altas e mais fundas potencialidades. Pois todas estas são potencialidades do Espírito.